

# A RESISTÊNCIA À DITADURA NOS POEMAS DE SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

Engily Jurema Silva Cardozo de Lima<sup>1</sup>

Luiz Rogério Camargo<sup>2</sup>

## RESUMO

Este artigo propõe uma análise dos poemas de Sophia de Mello Breyner Andresen e sua resistência ao Salazarismo, governo ditatorial que se instaurou em Portugal no ano de 1926 e teve seu fim em 1968. Sophia era contra o regime e procurava denunciar, através de seus poemas, as repressões e censuras praticadas contra o povo. O trabalho está dividido em cinco partes, sendo elas: Introdução, Fundamentação Teórica, que se subdivide em: A definição de repressão e liberdade nos poemas de Sophia de Mello Breyner Andresen, A repressão e denúncia nos poemas de Sophia Andresen e A busca por justiça nos poemas de Sophia Andresen e, por último, Considerações Finais. A metodologia utilizada é de cunho bibliográfico na qual serão utilizados livros e artigos sobre Sophia e sua vida política, assim bem como a resistência e sua busca pela liberdade.

Palavras-chave: Resistência. Poema. Repressão. Liberdade. Justiça.

<sup>1</sup> Aluna do 6º período do curso de Letras – Português e Inglês, licenciatura, pela FAE Centro Universitário. Bolsista do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2019-2020). *E-mail*: engilylima@hotmail.com

<sup>2</sup> Orientador da Pesquisa. Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná. Professor do curso de Letras – Português e Inglês, licenciatura, na FAE Centro Universitário. *E-mail*: rogerio.camargo@fae.edu

## INTRODUÇÃO

No século XX, muitos países se viram numa situação política de autoritarismo, repressão e regimes totalitários - tais como Espanha com o franquismo, Itália o fascismo e a União Soviética com o Stalinismo - os quais fazem uso de violência, censura e repressão como forma de poder e persuasão. Em 1926, Portugal consegue sair da ditadura militar, mas o autoritarismo ainda continua. Nesse mesmo ano, António de Oliveira Salazar é nomeado Ministro das Finanças. Então, em 1932, Salazar entra no poder como Ministro dos Conselhos e o país passa a viver o salazarismo.

O regime durou até 1974 e, durante todo esse período, as artes foram as mais afetadas devido à censura. De acordo com Barbora Valculová, em seu artigo “Estado Novo e Cultura”, o governo Salazar censurou todo tipo de arte, o que os limitou na expressão do livre-pensamento.

Do mesmo modo sofreu a literatura portuguesa. Durante o Estado Novo foram confiscadas centenas dos livros. Alguns escritores foram submetidos a um julgamento pela sua actividade literária. A título do exemplo da censura em Portugal pode servir o caso da proibição do romance “Quando os lobos uivam” de Aquilino Ribeiro - um grande romancista português, fundador e presidente da Sociedade Portuguesa de Escritores. O símbolo do arbítrio do Estado será o assalto policial e encerramento da Sociedade Portuguesa de Escritores, em 1965, após a S.P.E. ter concedido o prémio de literatura a Luandino Vieira, escritor e patriota angolano então preso no Tarrafal (VALCULOVÁ, s.d., p. 8).

Ao analisarmos os poemas de Sophia de Mello Breyner Andresen entre 1926 e 1974, notaremos que muitos deles destinam-se ao período sociopolítico em que a poetisa está vivendo, como uma forma de resistência contra o governo ditatorial imposto em Portugal.

Sophia nasceu em 06 de novembro de 1919, na cidade de Porto, em Portugal, numa família aristocrática. Publicou seu primeiro verso em 1940 nos *Cadernos de Poesia*. Opôs-se ao regime salazarista, mantendo uma postura interventiva, sendo membro da Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos durante a repressão. Sua conduta de oposição ao governo pode ser notada no poema “Com fúria e raiva”, encontrado em *Obra Poética*:

*Com fúria e raiva acuso o demagogo  
E o seu capitalismo das palavras  
[...]  
Com fúria e raiva acuso o demagogo  
Que se promove à sombra da palavra  
E da palavra faz poder e jogo  
E transforma as palavras em moeda  
Como se faz com o trigo e com a terra* (ANDRESEN, 2018 p. 675)

De acordo com o Minidicionário Ruth Rocha (1996), demagogo significa: **1. Agitador, revolucionário. 2. Aquele que segue ou proclama a demagogia ou age com demagogia** (ROCHA, 1996, p. 189).

Consequentemente, ao pesquisar o significado de demagogia no mesmo livreto - para melhor definição e compreensão do poema citado acima -, tem-se: **1. Governo ou preponderância do povo no governo. 2. Ação política enganosa, que apresenta promessas de cunho popular sem garantia ou possibilidade de virem a ser cumpridas** (ROCHA, 1996, p. 189). Tal revolta também é possível ser notada em *O Velho Abutre* (p. 493):

*O velho abutre é sábio e alisa suas penas  
A podridão lhe agrada e seus discursos  
Têm o dom de tornar as almas mais pequenas* (ANDRESEN, 1962, p. 493)

Popularmente, a expressão abutre pode se referir a alguém que tenta enganar outras pessoas. Nesse caso, enganar também pode ser uma forma de repressão para conseguir o que se quer com falsas palavras. Há uma relação entre a citação acima com o “*Com fúria e raiva*”, de Sophia, em que a autora deixa subentendido que odeia o demagogo e, na sua concepção, o abutre é demagogo.

Eloisa Aragão (2014) diz que Sophia sua oposição política começa a se evidenciar quando a poetisa, ao lado de amigos católicos – mais tarde chamados de católicos progressistas – “participa da campanha de Humberto Delgado à Presidência da República. É a partir desse momento que começa a evidenciar-se a oposição de Sophia ao salazarismo” (ARAGÃO, 2014, p. 1).

Logo após a Revolução de 25 de abril de 1975, Sophia foi eleita para a Assembleia Constituinte.

Destaquemos ainda que em uma sociedade patriarcalista, na qual as mulheres não tinham liberdade de expressão e de atuação política, Sophia de Mello Breyner Andresen mostrou-se altamente à frente das concepções retrógradas que coercitivamente impediam a participação feminina na vida política portuguesa (ROANI et al., 2015, p. 3-4).

Dessa forma, procuramos analisar poemas selecionados de Sophia Andresen que contrapõem a ditadura salazarista em Portugal, trazendo as características e a estética que compõem a posição política da poetisa, visando sempre o olhar da autora sobre o regime.

O objetivo específico é compreender de que maneira Sophia Andresen entende o conceito de liberdade política e, para isso, foram escolhidos os seguintes objetivos específicos: analisar o conceito de liberdade na obra da poeta; investigar como Sophia trabalha a ideia de repressão política; estudar como a poesia contribui para a liberdade

do indivíduo. A presente pesquisa tem como metodologia o estudo bibliográfico acerca do assunto tratado, assim como o levantamento e análise de dados a partir das poesias que contemplem os objetivos propostos. A pesquisa será feita a partir de pesquisa bibliográfica de livros e artigos que apresentam alguma fortuna crítica de resistência de Sophia de Melo Breyner Andresen enquanto escritora. Para isso, serão utilizados livros, revistas científicas e artigos acadêmicos que vão ao encontro da proposta inicial do projeto, procurando esclarecer as questões levantadas.

## 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 1.1 A DEFINIÇÃO DE “REPRESSÃO” E “LIBERDADE” NOS POEMAS DE SOPHIA ANDRESEN

Antes de analisarmos a vida sociopolítica de Sophia de Melo Breyner Andresen, é preciso contextualizar a influência do regime salazarista na literatura lusitana. Por ser um governo ditatorial e cheio de repressões às opiniões contrárias ao governo, as pessoas começaram a se calar e “tornaram-se esquivas, desconfiadas e silenciosas... evitando excessos públicos ou escondendo-os habilmente de olhares estrangeiros, Salazar criou um clima de terror ‘moderado’, que era implacável, vigilante e devastadoramente eficaz” (MAXWELL *apud* MARTINS, 2006, p. 10).

Segundo Nahas (2015), tal regime limitou a expressão de intelectuais, fazendo com que toda e qualquer publicação passasse pelo controle de imprensa e publicações literárias da PIDE (Polícia Internacional de Defesa do Estado). A autora ainda continua pontuando que a literatura – em especial – transformou-se num meio importante pelo qual os artistas puderam expressar suas críticas e denúncias da época, onde acabou nascendo um modelo de resistência (NAHAS, 2015, p. 2).

Em 1964, enquanto Sophia estava em um encontro da Sociedade Portuguesa de Escritores para receber o Prêmio de Poesia, devido a sua obra *Livro Sexto*, a autora diz que o poeta busca sua liberdade e justiça através da poesia, e proibir um poeta de ser livre, é inaceitável para ela.

O artista não é, nunca foi, um homem isolado que vive no alto duma torre de marfim. O artista, mesmo aquele que mais se coloca à margem da convivência, influenciará necessariamente, através da sua obra, a vida e o destino dos outros. [...] Mesmo que fale somente de pedras ou de brisas a obra do artista vem sempre dizer-nos isto: Que não somos apenas animais acossados na luta pela sobrevivência mas que somos, por direito natural, herdeiros da liberdade e da dignidade do ser (ANDRESEN, 2018, p. 898).

Por sua vez, Frei Bento Domingues, em entrevista a Eloisa Aragão diz que:

A poesia para ela [Sophia] era a justiça das palavras. A justiça do funcionamento da linguagem, as coisas ajustadas à realidade. Por isso a poesia dela era muito ligada aos elementos fundamentais da natureza, porque ela tinha mesmo essa teoria da literatura. A poesia dela é muito do ajustamento da palavra, de dizer o que se quer dizer. [...] E depois, tinha certo pendor para todas as pessoas que eram vítimas de alguma coisa. Isso nela era muito forte, muito forte (DOMINGUES *apud* ARAGÃO, 2014, p. 3).

Nota-se, então, que, para Sophia, fazer poesia era expressar a (in)justiça de todos. No artigo *O devir político da palavra poética: Livro Sexto de Sophia de Mello Breyner Andresen* (2018), Gabriela Silva define Sophia como uma “mulher atenta a seu tempo” (SILVA, 2018, p. 143), e continua dizendo que, em entrevista a José Carlos de Vasconcelos para o *Jornal de Letras*, no ano de 1991, Sophia “sempre lutou corajosamente pela liberdade e pela justiça, mesmo nos momentos mais duros da ditadura salazarista”. Em *Arte Poética III*, Sophia diz que ela é “aquela que não aprendeu a ceder aos desastres” (ANDRESEN, 2018, p. 898).

Rodrigo Machado, em seu artigo “Sophia: ‘Poesia e Revolução’” (2013), diz que

Em um texto da artista, datado de 1975, publicado no *Jornal de Letras, Artes e Ideias* [...], ela [Sophia] revela que “Onde há violência, há abuso e onde há abuso não há justiça. Onde há violência há medo e onde há medo não há liberdade. Onde há medo há sempre alguém que pouso o seu pé em cima da cabeça dos outros” (MACHADO, 2013, p. 298).

Em *Livro Sexto*, Sophia o separa em seções, onde cada uma dessas contém poesias atemporais da carreira da autora, e “Grades” é o principal foco deste artigo, pois é nessa seção que a poetisa fala da limitação e repressão vivida por seu país durante a ditadura de Salazar.

Ao analisarmos *Livro Sexto* desde sua primeira página, notaremos que há mais poemas retratando a situação de Portugal durante o regime de Salazar e que, de alguma forma, a autora pôde deixar subentendido durante sua carreira e vida sociopolítica, para que não fosse repreendida.

## **2 A “REPRESSÃO” E A DENÚNCIA NOS POEMAS DE SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN**

Sabe-se que nos regimes ditatoriais, a repressão e censura são duas características fortes e comuns, trazendo ameaça de todas formas ao povo (física, psicológica, abusiva etc.) e Sophia buscava refletir ao máximo sobre a realidade em que vivia e, de alguma forma, transformar isso na matéria de seus poemas. É possível notar indícios dessas características no poema “Cidade”, presente em *Livro Sexto*:

*As ameaças quase visíveis surgem  
Nascem  
Do exausto horizonte mortas luas  
E estrangulada sou por grandes polvos  
Na tristeza das ruas (ANDRESEN, 2018, p. 478)*

É possível notar que Sophia começa a denunciar as ameaças feitas pelo Estado contra o povo que, conseqüentemente, começa a se sentir reprimido e com medo. A tristeza que toma conta de cada indivíduo passa a ser refletida e estampada nos rostos e nas ruas por onde andam, tornando visível a infelicidade dos cidadãos por serem comandados em um regime.

No poema *Data*, também pode-se observar a denúncia – de forma mais nítida – da poetisa, como no trecho:

*Tempo de covardia e tempo de ira  
Tempo de mascarada e de mentira  
Tempo que mata quem o denuncia  
Tempo de escravidão  
Tempo dos coniventes sem cadastro  
Tempo de silêncio e de mordança  
Tempo onde o sangue não tem rastro  
Tempo de ameaça (ANDRESEN, 2018, p. 487)*

Neste trecho do poema, Sophia mostra com clareza o que os lusitanos passavam durante o regime, denunciando de forma explícita a violência coercitiva praticada contra a população. Com “tempo de covardia e tempo de ira” (ANDRESEN, 1962, p. 487), a autora traz a repressão do governo durante seus anos no poder, ficando a entender que qualquer tipo de censura praticada por alguém o faz covarde, e a ira em questão é a revolta do governo contra o povo; em “tempo que mata quem o denuncia” ((ANDRESEN, 1962, p. 487), Sophia mostra toda a impetuosidade do salazarismo com as pessoas, expondo assassinatos que o regime praticava quando descobria alguma acusação contra si, independentemente quem fosse. No final do poema, em “tempo onde o sangue não tem rastro” (ANDRESEN, 1962, p. 487), Sophia mostra o que acontecia com quem ia contra ou denunciava o regime: ocultação, onde as pessoas sumiam sem deixar pistas ou morriam sem deixar pistas do que havia acontecido.

Outro poema que denuncia a censura e violência salazarista é “Pranto pelo dia de hoje”:

[...]  
Nunca choraremos bastante quando vemos  
Que quem ousa lutar é destruído  
Por troças por insídias por venenos  
*E por outras maneiras que sabemos  
Tão sábias tão subtis e tão peritas  
Que nem podem sequer ser bem descritas (ANDRESEN, 2018, p. 485)*

Neste poema, Sophia tenta descrever o que os reprimidos sentiam quando perdiam alguém, ou seja, todo e qualquer choro nunca seria o suficiente para expressar a dor e a tristeza que a população sentia. Quem lutava por seus direitos e pelos dos demais acabava sendo morto através de armadilhas criadas pelas forças armadas ou envenenado e não era levado a sério, como se toda luta que fizesse contra o governo fosse uma piada, uma luta que não teria resultados.

A denúncia de censura e violência continua quando Sophia diz que não são apenas veneno, zombaria e armadilhas que calam a voz dos reprimidos: há outras maneiras dessa atrocidade acontecer, de maneira silenciosa e (não tão bem) planejada, mas “que nem podem sequer ser bem descritas” (ANDRESEN, 1962, p. 485) devido a restrição que o governo fazia contra a população, não a deixando ter voz ativa para que pudesse descrever as atrocidades cometidas na época.

Sophia denunciava através dos seus poemas - em boa parte - toda a violência praticada pelo Estado Novo, mas não denunciava apenas esse tópico. Em seu poema “Nesta Hora”, podemos observar a forte crítica que a poetisa faz contra todas as coisas que o governo “escondia” da população:

Nesta hora limpa da verdade é preciso dizer a verdade toda  
Mesmo àquela hora que é impopular neste dia em que se invoca o povo  
Pois é preciso que o povo regresse de seu exílio  
E lhe seja proposta uma verdade inteira e não meia verdade

Meia verdade é como habitar meio quarto  
Ganhar meio salário  
Como só ter dinheiro  
A metade da vida

O demagogo diz da verdade a metade  
E o resto joga com habilidade  
Porque pensa que o povo só pensa metade  
*Porque pensa que o povo não percebe nem sabe*

*A verdade não é uma especialidade  
Para especializados clérigos letrados*

*Não basta gritar povo é preciso expor*  
[...] (ANDRESEN, 2018, p. 674)

A poetisa mostra que o governo enganava a população, trazendo “meias verdades”, apenas com o propósito de conseguir se manter no poder pelos anos seguintes. Sophia ainda continua dizendo que os cidadãos estão cientes de todas as

verdades que o governo esconde, todo o roubo de salário populacional e problemas em geral, mas é como se estivessem anestesiados e/ou exilados para não conseguirem ou tentarem opinar e terem voz ativa. No último trecho, a autora diz que “não basta gritar povo é preciso expor” (ANDRESEN, 1974, p. 674), ou seja, não basta a população saber e não fazer nada, deixar tudo como está, é preciso agir e fazer algo contra o governo ou forçá-lo a contar todo resto da verdade.

Outra denúncia que a autora faz explicitamente contra as mazelas do governo para com a população é no poema *Guerra ou Lisboa 72*:

*Partiu vivo jovem forte  
Voltou bem grave e calado  
Com morte no passaporte*

*Sua morte nos jornais  
Surgiu em letra pequena  
É preciso que o país  
Tenha a consciência serena* (ANDRESEN, 2018, p. 660)

Esta denúncia traz todas a violência sofrida por jovens militantes, que procuravam encarar o governo em protestos, os quais saíam bem e voltavam muito feridos ou já sem vida. Sophia procura, também, mostrar como eram anunciadas as mortes de pessoas antigoverno nos jornais: letra pequena, provavelmente para que não soubessem quem era e o que havia acontecido com aquele indivíduo.

### 3 A BUSCA DA JUSTIÇA ATRAVÉS DOS POEMAS DE SOPHIA ANDRESEN

Todo regime, todas as injustiças, mentiras e violências vividas pela poetisa a fizeram criar uma base para seus poemas: a busca constante pela verdade, liberdade e justiça. Em 25 de abril de 1974, o regime salazarista tem seu fim. Para “celebrar” esse dia, Sophia escreveu o poema “25 de abril”:

*Essa é a madrugada que eu esperava  
O dia inicial inteiro e limpo  
Onde emergimos da noite e do silêncio  
E livres habitamos a substância do tempo* (ANDRESEN, 2018, p. 672)

De acordo com Machado,

o poema traz consigo toda a aura de um país que se via livre, com a insurreição, de uma crise econômica e social, de uma guerra colonial levada a cabo por treze anos, que vivia com medo, que espantava os fantasmas da ditadura e vislumbra, em uma



madrugada de primavera, os problemas a se escoarem através dos corpos lavados pela água da libertação (MACHADO, 2013, p 304).

É possível perceber, no poema, que o eu-lírico sente alívio ao receber a notícia de que a era ditatorial tinha acabado. Para Sophia, aquele dia era como começar de novo, renascer. Ao dizer “onde emergimos da noite e do silêncio” (ANDRESEN, 1974, p. 672), a poetisa procura dizer que toda a escuridão e censura que havia durante o salazarismo foi embora, todos poderiam, então, sair à noite sem medo de sofrerem repressão. É o início da nova era, sem o Estado Novo no poder. Sophia se sente liberta novamente quando diz “essa é a madrugada que eu esperava” (ANDRESEN, 1974, p. 672), pois não haveria mais censura ou persuasão, o país estava livre de toda maldade e violência que foi vivido durante quase 50 anos, eles finalmente teriam a liberdade que desejaram por anos.

Em entrevista a Eduardo Prado Coelho, em 1986, Sophia diz que

O 25 de Abril foi dos momentos de máxima alegria da minha vida. Foram dias que vivi em estado de levitação. Isso aliás aconteceu a muita gente. E está dito no poema que escrevi: “Esta é a madrugada que eu esperava/ O dia inicial inteiro e limpo/ Em que emergimos da noite e do silêncio/ E vivos habitamos a substância do tempo”. De facto fiquei em êxtase e foi como eu vivi [...]. Estamos num estado democrático – não há prisões políticas, não temos colónias, não somos um povo colonizador, somos um povo que ajudou a criar liberdades e independências. Apesar de tudo, há um serviço de saúde melhor (ANDRESEN, 1986, p. 15).

No poema “Liberdade”, na seção “O nome das coisas” em *Obra Poética*, Sophia diz que “O poema é/ A liberdade” (ANDRESEN, 1977, p. 681). Essa é a forma que a autora encontra de se libertar e conseguir falar do que quiser: através de seus escritos, onde mostra sua opinião livremente. Em 1964, durante seu discurso de agradecimento por ter recebido o Prêmio de Poesia, Sophia diz que todos os autores se expressam e têm sua liberdade através de seus escritos e não são “apenas animais acossados na luta pela sobrevivência mas que somos, por direito natural, herdeiros da liberdade [...]” (ANDRESEN, 2011, p. 898).

Podemos entender melhor o que a autora procura dizer com “liberdade” em seus escritos através do poema “A paz sem vencedor e sem vencidos”:

*Dai-nos Senhor a paz que vos pedimos  
A paz sem vencedor e sem vencidos  
Que o tempo que nos deste seja um novo  
Recomeço de esperança e de justiça  
Dai-nos Senhor a paz que vos pedimos*

*A paz sem vencedor e sem vencidos*

[...]  
*Dai-nos a paz que nasce da verdade*  
*Dai-nos a paz que nasce da justiça*  
*Dai-nos a paz chamada liberdade*  
*Dai-nos Senhor a paz que vos pedimos* (ANDRESEN, 2018, p. 645)

Nesse poema, é possível notar o desespero e a impaciência de se viver numa realidade caótica. O clamor para entidades religiosas mostra o que a autora estava vivendo: a ausência de justiça e verdade.

Em “Arte Poética III”, Sophia diz que, para ela, a poesia sempre foi uma perseguição do real, ou seja, sempre mostra a realidade em que ela está inserida.

A obra de arte faz parte do real e é do destino, realização e salvação de vida. [...] É por isso que a poesia é uma moral. E é por isso que o poeta é levado a buscar a justiça pela própria natureza da sua poesia. E a busca da justiça é desde sempre uma coordenada fundamental de toda obra poética. [...] A moral do poema não depende de nenhum código, de nenhuma lei, de nenhum programa que lhe seja exterior, mas, porque é uma realidade vivida, integra-se no tempo vivido” (ANDRESEN, 2011, p. 897-898).

Gabriela Silva *et al.*, em seu artigo “O devir político da palavra poética: Livro Sexto de Sophia de Mello Breyner Andresen”, cita a entrevista de José Carlos Vasconcelos para Sophia, em 1991, onde a poetisa diz que escrever é “criar uma certa libertação íntima que é necessária à liberdade. Procuramos ser como o universo” (ANDRESEN *apud* SILVA, 2018, p. 143).

Assim sendo, para Sophia liberdade era o mesmo que ter a justiça feita, por isso insistia tanto para o povo ir às ruas e se libertar, ter voz ativa. Em outras palavras, buscar por justiça. É o que podemos ver em “Camões e a tença”, na seção “Em memória” de *Obra Poética*, quando a poetisa procura enfatizar e encorajar o povo lusitano a ir em busca de justiça quando o governo começa a não cumprir suas promessas:

*Irás ao Paço. Irás pedir que a tença*  
*Seja paga na data combinada*  
[...]  
*Irás ao Paço irás pacientemente*  
*Pois não te pedem canto mas paciência*

*Este país te mata lentamente* (ANDRESEN, 2018, p. 646)

O encorajamento pela justiça também é notável em Catarina Eufémia:

O primeiro tema de reflexão grega é justiça  
E eu penso nesse instante em que ficaste exposta  
Estavas grávida porém não recuaste  
Porque a tua lição é esta: fazer frente

[...]

Antígona poisou a sua mão sobre o teu ombro no instante  
em que morreste

*E a busca da justiça continua* (ANDRESEN, 2018, 648)

No poema citado anteriormente, entende-se que Sophia procura fazer uma metáfora com a situação política de Portugal e a busca por justiça. Ao dizer “e eu penso nesse instante em que ficaste exposta” (ANDRESEN, 1972, 648), a autora se refere a todas vezes que a população buscou por justiça de forma aberta e explícita através de protestos, e “estava grávida porém não recuaste/ Porque tua lição é esta: fazer frente” (ANDRESEN, 1972, 648), ou seja, mesmo carregando teus filhos justos, não desististes de fazer o teu papel, que é continuar defendendo-os.

Virgínia Boechat, em seu artigo “Antígona e Catarina Eufémia: figurações da justiça em Sophia de Mello Breyner Andresen”, analisa o poema citado e diz que

As noções de justiça que ali são articuladas talvez sejam as que mais esclarecem que tipos de reivindicações e protesto que Sophia Andresen faz quando demanda justiça em seus poemas. Primeiramente, podemos apontar, sim, o cunho político, potencializado pela personagem identificada com uma vítima factual, além da inclusão de várias informações sobre aquele crime, detalhes perceptivelmente retirados da imprensa. Devemos apontar também a literal busca de justiça que o último verso preconiza: “E a busca da justiça continua” (BOECHAT, 2011, p. 132-133).

Para Sophia Andresen “[...] a justiça se confunde com aquele equilíbrio das coisas, com aquela ordem do mundo onde o poeta quer integrar seu canto. [...] Confunde com a nossa confiança na evolução do homem, confunde-se com a nossa fé no universo” (ANDRESEN, 2011, p. 898).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As denúncias contra com o governo Salazar nos poemas de Sophia de Mello Breyner Andresen fazem-se de extrema importância enquanto objeto de estudo, uma vez que, em um regime totalitário, a população não tem vez, voz e sofre com repressão e violência diariamente apenas por tentar se expressar ou buscar seus direitos. Sophia, por ser uma mulher e artista, teve muita coragem ao expor a situação que Portugal estava vivendo há anos.

Através dos poemas de Andresen, é possível ter um certo discernimento de como Portugal vivia na era do Estado Novo. Mazelas governamentais instauradas no país são, em boa parte, reveladas nos poemas de Sophia Andresen, uma vez que a autora era

contra o regime implementado em 1926. A autora procura tomar o lugar de fala de um povo anestesiado pelo salazarismo, tomando tal atitude através de suas escrituras e lutando pelo fim da censura e pela busca da justiça, de alguma forma.

Após ver e vivenciar momentos de tumulto e censura, ter amigos exilados e ver notícias das meias verdades e tragédias causadas pelo governo, nota-se a necessidade que Sophia sente em expor os acontecimentos do salazarismo não apenas para as pessoas que viviam na mesma época ou na mesma nação, mas também para o mundo todo e em futuras gerações. De alguma forma, Sophia de Mello Breyner Andresen tem um marco na história tanto de Portugal quanto do mundo: seja na sua oposição à ditadura de Salazar, quanto em seus poemas, que procuram retratar não apenas as mazelas da vida, mas também toda sua luta cotidiana como mãe, mulher e artista.

## REFERÊNCIAS

- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. **Obra Poética**. Rio de Janeiro: Tinta-da-China Brasil, 2018.
- ARAGÃO, Eloisa da Silva. Sophia de Mello Breyner Andresen: vida militante. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH, 22., 2014, São Paulo. **Anais Eletrônicos...** São Paulo, 2014. Disponível em: <[http://www.encontro2014.sp.anpuh.org/resources/anais/29/1406766054\\_ARQUIVO\\_ELOISAARAGAOARTANPUH2014SANTOS30JUL2014.pdf](http://www.encontro2014.sp.anpuh.org/resources/anais/29/1406766054_ARQUIVO_ELOISAARAGAOARTANPUH2014SANTOS30JUL2014.pdf)>. Acesso em: 06 set. 2019.
- BOECHAT, Virgínia Bazzetti. **Antígona e Catarina Eufémia**: figurações da justiça em Sophia de Mello Breyner Andresen. Universidade Federal do Pampa, 2011. Disponível em: <[https://www.academia.edu/29863344/Ant%C3%ADgona\\_e\\_Catarina\\_Euf%C3%A9mia\\_figura%C3%A7%C3%B5es\\_da\\_justi%C3%A7a\\_em\\_Sophia\\_de\\_Mello\\_Breyner\\_Andresen](https://www.academia.edu/29863344/Ant%C3%ADgona_e_Catarina_Euf%C3%A9mia_figura%C3%A7%C3%B5es_da_justi%C3%A7a_em_Sophia_de_Mello_Breyner_Andresen)> acesso em: 12 out. 2019.
- COELHO, Eduardo Prado. Entrevista a Eduardo Prado Coelho. **ICALP**, Lisboa, n. 6, p. 60-77 ago./dez. 1986. Disponível em: <<http://purl.pt/19841/1/galeria/entrevistas/f11/pag1.html>>. Acesso em: 26 jun. 2020.
- FARIA, Ângela Beatriz de Carvalho. A Revolução de Abril: a invenção da liberdade.: **Semear**, Rio de Janeiro, v. 6 n. 5, p. 180, abr./jun 1999. Disponível em: <[http://www.letras.puc-rio.br/unidades&nucleos/catedra/revista/5Sem\\_05.html](http://www.letras.puc-rio.br/unidades&nucleos/catedra/revista/5Sem_05.html)>. Acesso em: 5 fev. 2020.
- LIMA, Renata Ribeiro et al. Os lugares de Sophia de Mello Breyner Andresen. **Caderno de Pesquisa**, São Luís, v. 17, n. 1, p. 1, jan./abr. 2010. Disponível em: <[https://www.academia.edu/5275045/Os\\_lugares\\_de\\_Sophia\\_de\\_Mello\\_Breyner\\_Andresen](https://www.academia.edu/5275045/Os_lugares_de_Sophia_de_Mello_Breyner_Andresen)>. Acesso em: 12 out. 2019.
- MACHADO, Rodrigo Corrêa Martins. Sophia: “Poesia e Revolução”. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 13, p. 298-304, jul. 2013. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/3997/15593>>. Acesso em: 26 jun. 2020.
- MARTINS, Maria Antonia Dias. **Literatura Portuguesa de Resistência**: a mulher, a guerra e o intelectual como armas de luta contra o salazarismo. 2006. Dissertação (Pós-Graduação em História Social) – Universidade de São Paulo, 2006. Disponível em: <[https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-06072007-113124/publico/TESE\\_MARIA\\_ANTONIA\\_DIAS\\_MARTINS.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-06072007-113124/publico/TESE_MARIA_ANTONIA_DIAS_MARTINS.pdf)>. Acesso em: 26 jun. 2020.
- MATANGRANO, Bruno Anselmi. A poesia em si mesma: desdobramentos de um conceito segundo Sophia de Melo Breyner Andresen. **Desassossego**, São Paulo, v. 3, n. 6, p. 95 dez. 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/desassossego/article/view/35182/37904>>. Acesso em: 08 set. 2019.
- MUNIZ, Caroline Silva et al. A poética de Sophia Andresen: um olhar de justiça e realidade no poema Catarina Eufémia. **Decifrar**, Manaus, v. 4, n. 7, p. 44-55, jan./jun. 2016. Disponível em: <<http://periodicos.ufam.edu.br/Decifrar/article/view/2790/2476>>. Acesso em: 6 set. 2019.

NAHAS, Nathália Macri. **Grades**: uma leitura do projeto po-ético de Sophia de Melo Breynder Andresen. Dissertação (Pós-Graduação em Literatura Portuguesa) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <[https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8150/tde-15072015-145800/publico/2015\\_NathaliaMacriNahas\\_VCorr.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8150/tde-15072015-145800/publico/2015_NathaliaMacriNahas_VCorr.pdf)>. Acesso em: 06 set. 2019.

\_\_\_\_\_. No espaço do poema: a presença do real, uma relação entre o poema e a fotografia na poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen. **Desassossego**, São Paulo, v. 9, n. 18, p. 101, dez. 2017. Disponível em: <[https://www.academia.edu/36377291/NO\\_ESPA%C3%87O\\_DO\\_POEMA\\_A\\_PRESEN%C3%87A\\_DO\\_REAL\\_Uma\\_rela%C3%A7%C3%A3o\\_entre\\_o\\_poema\\_e\\_a\\_fotografia\\_na\\_poesia\\_de\\_Sophia\\_de\\_Mello\\_Breyner\\_Andresen](https://www.academia.edu/36377291/NO_ESPA%C3%87O_DO_POEMA_A_PRESEN%C3%87A_DO_REAL_Uma_rela%C3%A7%C3%A3o_entre_o_poema_e_a_fotografia_na_poesia_de_Sophia_de_Mello_Breyner_Andresen)>. Acesso em: 20 set. 2019.

\_\_\_\_\_. O confinamento em grades: a poesia como resistência. **Nau Literária**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 71-84, dez. 2017. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/324262818\\_O\\_confinamento\\_em\\_Grades\\_A\\_poesia\\_como\\_resistencia](https://www.researchgate.net/publication/324262818_O_confinamento_em_Grades_A_poesia_como_resistencia)>. Acesso em: 06 set. 2019.

\_\_\_\_\_. **Poema-resistência**: a denúncia e o combate às mazelas sociais na poesia de Carlos de Oliveira e Sophia de Mello Breyner Andresen. – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, s.d. Disponível em: <[https://www.academia.edu/36261219/Poema-resist%C3%Aancia\\_a\\_den%C3%Bancia\\_e\\_o\\_combate\\_%C3%A0s\\_mazelas\\_sociais\\_na\\_poesia\\_de\\_Carlos\\_de\\_Oliveira\\_e\\_Sophia\\_de\\_Mello\\_Breyner\\_Andresen?email\\_work\\_card=interaction\\_paper](https://www.academia.edu/36261219/Poema-resist%C3%Aancia_a_den%C3%Bancia_e_o_combate_%C3%A0s_mazelas_sociais_na_poesia_de_Carlos_de_Oliveira_e_Sophia_de_Mello_Breyner_Andresen?email_work_card=interaction_paper)>. Acesso em: 6 set. 2019.

ROANI, Gerson Luiz et al. A Emergência de Abril em O Nome das Coisas (1977), de Sophia de Melo Breyner Andresen. **Estudos Linguísticos e Literários**, v. 1, n. 51, 2015.

ROCHA, Ruth. **Minidicionário Ruth Rocha**. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1996.

SILVA, Gabriela et al. O devir político da palavra poética: Livro Sexto de Sophia de Mello Breyner Andresen. **Revista do CESP**, Belo Horizonte, v. 38 n. 60, p. 137-156, jul./dez. 2018. Disponível em: <[https://www.academia.edu/38843976/O\\_devir\\_pol%C3%ADtico\\_da\\_palavra\\_po%C3%A9tica\\_Livro\\_sexto\\_de\\_Sophia\\_de\\_Mello\\_Breyner\\_Andresen\\_Andresen](https://www.academia.edu/38843976/O_devir_pol%C3%ADtico_da_palavra_po%C3%A9tica_Livro_sexto_de_Sophia_de_Mello_Breyner_Andresen_Andresen)>. Acesso em: 16 set. 2019.

VALCULOVÁ, Barbora. **Estado novo e cultura**. Disponível em: <[http://www.premioiberoamericano.cz/documentos/9naedicion/MencionIX\\_BarboraVaculova.pdf](http://www.premioiberoamericano.cz/documentos/9naedicion/MencionIX_BarboraVaculova.pdf)>. Acesso em: 26 jun. 2020.